

CULTURA SURDA EM UMA REGIÃO AMAZÔNICA: a diferença narrada pelos surdos⁴

Daiane Pinheiro⁵

RESUMO

Este estudo busca centralizar a discussão nos processos de representação e produção de sujeitos surdos sob o discurso cultural. Procura-se problematizar as relações de poder/saber envolvidas na circulação de significados culturais produzidos pelos próprios surdos, identificados como líderes comunitários na cidade de Santarém, região Oeste do Pará. Tal empreendimento de pesquisa emerge de observações e conversas que vinham sendo articuladas dentro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação de Surdos (GEPES) da Universidade Federal do Oeste do Pará, em que circulam e participam alguns colaboradores surdos da região. Assim, são tensionados os discursos de surdos adultos como estratégia de legitimação cultural e linguística, pensando nos significados produzidos nessas narrativas sobre o conceito de cultura surda. A cultura, na perspectiva à qual esse empreendimento se filia, está atravessada pelo processo discursivo e começa a ser estudada dentro de sua complexidade social, situada em uma arena de conflitos gerados pela busca de significação, que, portanto, fazem parte dos jogos das relações de poder/saber. Fundamentado no campo dos Estudos Culturais em Educação, este estudo busca lançar novos olhares sobre os conceitos de cultura, pensando esse como produto circular e não fixo. Dessa forma, não se restringe em métodos estruturados, mas moveções, na intenção de produzir e ser produzido pelos dados aqui analisados. Nesta investigação, foi possível perceber que a movimentação cultural dos surdos em Santarém-PA ainda está pautada em um processo de reconhecimento social e político, regido por manifestações e organizações que buscam legitimar essa cultura e manterem-se na diferença.

Palavras-chave: Surdez. Cultura. Representação.

⁴ Esse trabalho foi produzido para compor o Painel “produção, circulação e consumo da cultura surda no cenário político-educacional contemporâneo”, apresentado ao XVII Encontro Nacional de Didática e Prática de ensino junto a pesquisadores da Universidade Federal de Pelotas e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵ Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA e Coordenadora do Núcleo de Acessibilidade dessa instituição. E-mail: daianepinheiroufopa@gmail.com

DEAF CULTURE IN A AMAZON REGION: the difference as told by deaf

ABSTRACT

This study aims to centralize the discussion on the representation of production processes and deaf people from the cultural discourse. It aims to discuss the relations of power / knowledge involved in the circulation of cultural meanings produced by deaf people, identified as community leaders in the city of Santarém, Western Pará region. This research project emerges from observations and conversations that had been articulated within the Group of Study and Research in Deaf Education (GEPES) of the Federal University of Para West, over which some deaf employees and participate in the region. So are tensioned the speeches of deaf adults as cultural legitimation strategy and linguistic thinking of the meanings produced in these narratives about the concept of deaf culture. Culture with a view to which this undertaking is affiliated, is crossed by the discursive process and begins to be studied within its social complexity, located in an arena of conflicts generated by the search for meaning, which, therefore, are part of the games of relations power / knowledge. Based on the field of Cultural Studies in Education, this study seeks to shed new insights on the concepts of culture, thinking that as circular and not fixed product. Thus, is not restricted in structured methods but Loose, intending to produce and to be produced by the data analyzed here. In this investigation, it was revealed that the cultural movement of the deaf in Santarém-PA is still guided by a process of social and political recognition, governed by events and organizations seeking to legitimize this culture and remain the difference.

Keywords: Deafness. Culture. Representation.

INTRODUÇÃO

A cultura surda, inventada com base na língua brasileira de sinais e legitimada também pela criação de artefatos culturais dos surdos, toma espaço importante no processo de desenvolvimento desses sujeitos, possibilitando a constituição de identidades políticas e culturais dentro do contexto comunitário.

Sob esse pensamento teórico, da constituição de identidades e diferença, neste estudo, proponho pensar a circulação de significados sobre os surdos na região Oeste do Pará, tomando como materialidade narrativas dos próprios surdos, líderes comunitários, que colocam esses significados em circulação. Tal proposta emerge de outras pesquisas por mim desenvolvidas na Universidade Federal do Oeste do Pará, as quais colocam como centralidade discussões sobre o processo inclusivo e cultural de surdos nessa região amazônica. Tais experiências, somadas a estudos e pesquisas desenvolvidas na região Sul do País (KARNOPP,

KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2009), traz inquietações diante do cenário Norte-brasileiro sobre a cultura surda e, conseqüentemente, a educação de surdos. A cultura surda, inventada e fortalecida em movimentos surdos organizados e discursos acadêmicos nacionais parece estar sendo amortizada nessa região.

Entender a cultura no contexto de produção de identidades e diferença, articuladas ao jogo das relações de poder/saber, aproxima-me da perspectiva dos Estudos Culturais. Essa abordagem teórica pode ser pensada como um campo não-homogêneo, sob a análise de produtos culturais de determinada prática social em seus múltiplos e diferentes textos. É sob essa abordagem teórica, de produção de significados, que problematizo os processos de reafirmação da cultura e identidade surda. Cabe discutir como esses processos de significação e produções são inventados em diferentes contextos de circulação.

Os Estudos Culturais propõem pensar a cultura sob outro lócus interpretativo, dentro de uma arena de significados inventados nas práticas discursivas atravessados nas relações de poder/saber, buscando perceber e analisar as práticas culturais. Para Hall (1997), a cultura passa a ser entendida como um campo de produção de significados sobre as coisas ou sobre as pessoas, rompendo com a ideia moderna de nivelamento social.

Nessa direção, tomo tal abordagem para pensar a constituição cultural dos surdos, ou seja, entender a comunidade surda como um campo de produção de significados, e, portanto, de próprios modos de ser surdos. Esse entendimento torna possível a aproximação com os Estudos Surdos em Educação, que passam a inventar outros modos de ser surdo.

A invenção da surdez como diferença primordial ganha status de verdade e de realidade quando começa a ser produzida nas narrativas surdas a partir de um entendimento que não é aquele marcado pelas práticas clínicas ou pela diferenciação entre deficientes e não-deficientes. A surdez é entendida como uma invenção quando a vemos como um traço/marca sobre o qual a diferença se estabelece produzindo parte de uma identidade; quando a usamos para nos referirmos àquilo que não sou; quando ela é que mobiliza a formação de políticas de acessibilidade; quando ela começa a circular em diferentes grupos como uma bandeira de luta pelo reconhecimento daquele que se aproxima, antes de qualquer outra razão, porque compartilha de uma experiência comum (ser surdo). (LOPES, 2007, p17).

Partindo dessas representações culturais sobre a surdez, busco problematizar os modos de produção de sujeitos surdos e como eles narram a si próprios diante do discurso da diferença cultural. Interessa-me discutir os efeitos de representação sobre os surdos

inventados em suas próprias narrativas. Ou seja, pensar como os sujeitos surdos, residentes na cidade de Santarém – PA, acionam conceitos que os constituem sob narrativas científicas da diferença política, linguística e cultural. Tal importância está calcada no contexto regional em que esses sujeitos circulam.

Diante dessas considerações, apresento como questionamento principal: que significados vêm circulando nas comunidades surdas santarenas sobre o conceito de cultura, diferença e identidade? É um olhar lançado sobre os significados que circulam entre os próprios surdos, pensando que verdades vêm sendo produzidas pela e na comunidade surda de Santarém-PA. Para isso, analiso discursos de quatro surdos adultos com formação acadêmica concluída ou em andamento e identificados como líderes surdos nas comunidades em que circulam. Nesta investigação, essas narrativas materializam-se em forma de conversas e discussões teóricas promovidas por encontros no Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação de Surdos (GEPES) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

Considero importante analisar tais representações como significados que circulam entre os surdos residentes na cidade de Santarém/PA e, portanto, marcam o lugar e posicionamento dessa cultura. Assim, busco investigar os significados produzidos por esses sujeitos sobre sua própria diferença, permitindo atravessamentos sobre questões específicas como educação inclusiva, educação bilíngue e valorização linguística, cultural e política.

A CULTURA SURDA COMO CAMPO DE SIGNIFICAÇÃO LINGUÍSTICA, EDUCACIONAL E POLÍTICA

A surdez, narrada na perspectiva cultural, desloca o espectro segregacionista atrelado à educação desses sujeitos e passa a entendê-los na lógica de uma diferença cultural e linguística, acabando “com as práticas de regulação subjetivadas ao modelo ouvinte (...)” (SILVA, 2000, p. 97). Perlin (2006, p. 139), por sua vez, comenta ainda que:

Por diferença entendemos o ser surdo com sua alteridade. Por exemplo, se perguntarmos: Por que os surdos querem escolas de Surdos? A resposta identifica a caminhada para a diferença: „para tornarem-se sujeitos de sua história“, saírem da exclusão, construir sua identidade em presença do outro surdo, para terem direito à presença cultural própria.

Pautadas em um saber científico, essas verdades tomam lugar nos discursos acadêmicos e circulam pelas narrativas surdas. Partindo desses argumentos e da experiência

de ser surdo, grupos organizados defendem o interesse por uma educação de surdos em escola de surdos, entendendo o uso fluente da língua e as trocas entre seus pares como indispensável para o processo de aprendizagem.

Para tratar do olhar que se lança no presente estudo sobre a invenção de uma cultura surda, seguem-se os direcionamentos teóricos dos Estudos Culturais, que entendem a cultura como uma arena de significados atravessada pelas relações de poder/saber, em que se produzem identidades. A linguagem toma lugar central nessa discussão, compreendida como o meio de constituição de mundo e de representações sobre as coisas. E, nessa direção, a cultura passa a ser arquitetada sobre outros formatos representativos, não mais como nivelamento social ou sentido estético, mas como uma invenção da linguagem e dos processos discursivos que se constituem pelas relações de poder/saber. Essa perspectiva redireciona a noção de cultura, não distinguindo uma relação binária entre o que é cultural ou acultural, como baixa ou alta cultura, de forma que a cultura passa a ser um lugar de produção. Esse entendimento corrobora ao que Hall (1997, p. 29) denominou virada cultural, que

[...] está intimamente ligada a esta nova atitude em relação a linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado as coisas.

As diferentes formações discursivas, a que o autor se refere, estão na ordem das trocas de significados que se estabelecem dentro do contexto cultural. E nessa lógica de disputa de significados a serem legitimados e tomados como verdadeiros, são estabelecidas formas distintas de interpretação sobre as coisas. A produção de verdades dentro de uma cultura, atravessada pelos exercícios das relações de poder/saber, para assim legitimá-las, dita modos de ser, agir e representar esses significados.

Hall (1997) assinala ainda que essas representações inventadas por uma cultura majoritária (neste caso, de ouvinte), pode ser desafiada sob efeitos de resistência. Nesse sentido, os surdos colocam-se em uma posição de contraestratégia, resistindo às imposições ouvintes e legitimando, através das relações de poder, o seu lugar cultural e político no âmbito social. Os surdos, ao narrarem-se nessa perspectiva, estão produzindo significados sobre a sua cultura e dando força aos movimentos representativos da surdez como diferença linguística, cultural e política.

O surdo narrado sob uma perspectiva cultural da diferença corporifica o que Skliar (1999, p. 24) chamou de desouvitização, ou seja, uma forma de denunciar “práticas colonialistas dos ouvintes sobre os surdos”, negando as narrativas ouvintistas que ainda permeiam o campo educacional desses sujeitos. Esses entendimentos estão ancorados em concepções teóricas desenvolvidas pelos Estudos Surdos em Educação, que se inscrevem na perspectiva dos Estudos Culturais e entendem o surdo como sujeito constituído dentro de um contexto comunitário, linguístico e político.

Os Estudos Surdos em Educação podem ser pensados como um território de investigação educacional e de proposições políticas que, através de um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação – e não uma apropriação – com o conhecimento e com os discursos sobre a surdez e sobre o mundo dos surdos (SKLIAR, 1998, p. 29).

Essas concepções vêm ganhando forma e circulando em meio a discursos acadêmicos, repercutindo no poder de ditar essas outras verdades legitimadas sobre esses saberes. Tais produções conjeturam em movimentos de resistência e luta política da comunidade surda, preocupando-se em reafirmar o lugar da sua cultura dentro do campo social/educacional.

Assim sendo, a comunidade toma forma quando os elementos de uma cultura associam-se em interesses comuns, ou seja, pertencer a uma mesma cultura e, nela, produzir e ser produzido, está na ordem das constituições identitárias, aproximando os sujeitos às mesmas representações de significados. Para Bauman (2003, p. 15-16): “o tipo de entendimento em que a comunidade se baseia precede todos os acordos e desacordos. Tal entendimento não é uma linha de chegada, mas o ponto de partida de toda a união”. Essa união, no âmbito da cultura surda, é estabelecida pelo uso da mesma língua, pelo compartilhamento de causas políticas educacionais e, fundamentalmente, pela experiência de ser surdo.

Desse modo, torna-se possível pensar a cultura como lócus temporal, em que as identidades são produzidas em meio aos interesses comuns de uma comunidade. Portanto, as identidades fabricadas em diferentes esferas temporais não são fixas ou permanentes, pois há, nesse meio, um constante deslocamento de verdades, isto é, os discursos sobre determinados significados estão sempre circulando em movimentos efêmeros, possibilitando diferentes

representações sobre as coisas. Para Bauman (2006, p. 96-97), “somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo”.

Sendo assim, os surdos são produzidos por diferentes representações, que vão sendo constituídas dentro de uma mesma cultura; ou seja, pensar o sujeito surdo como cultural ou deficiente auditivo está na ordem dos diferentes contextos em que esse sujeito vai compondo a sua identidade e conforme esses discursos o produzem.

“OUVINDO” OS SURDOS NA CONSTITUIÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOBRE SUA CULTURA

Pode-se dizer que a surdez é o que marca o sentido de pertencimento à comunidade surda, em que a língua e a experiência visual compartilhada por esses sujeitos torna-se um artefato cultural, como elementos que vêm legitimando a existência dessa cultura. No entanto, a intenção nestas análises, não é inventar um modelo de cultura surda e tentar padronizá-lo no contexto pesquisado, mas problematizar como esse conceito vem sendo produzido e posto em circulação pelos próprios surdos e, principalmente, pensar os efeitos dessas representações.

Em eventos promovidos pela UFOPA, com contribuição ativa do GEPES, a participação de dois surdos adultos, sujeitos desse estudo (identificados aqui como surdos A e B), chama a atenção. Inseridos em um grupo de surdos, coordenados por um professor ou colaborador ouvinte, apresentaram danças folclóricas da região amazônica e interpretaram músicas populares. Os surdos que se apresentaram mostraram saber todos os passos da dança e, em outro momento, interpretaram a música, mesmo que, por vezes, imitando a professora/colaboradora ouvinte inclusa no grupo.

Diferente da região Sul do país, onde se observa maior militância na preservação cultural surda (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2009), em Santarém-PA/Brasil, esses significados se movimentam sob a constituição cultural ouvinte, como a dança e a música. Nesse sentido, observa-se que tal marca cultural pode arriscar-se em operar na lógica ouvintista, constituindo sujeitos surdos sob as dependências e representações ouvinte. Ainda em conformidade com esse entendimento, Lopes (2007, p. 102) afirma que

O ouvintismo pode ser colocado como um conjunto de práticas culturais, materiais ou não, voltadas para o processo de subjetivação do „eu“ surdo.

Essas práticas deixam marcas visíveis no corpo, assim como imprimem uma forma, um tipo de disciplina e de sujeição surda aos valores, padrões, normas, normalidade e médias ouvintes.

Tal marca pode ser observada dentro da própria associação de surdos e nas representações que constituem e inventam sujeitos sob narrativas diferentes. Na cidade de Santarém-Pará/Brasil, movimentam-se duas associações de surdos, que, embora compartilhem significados culturais do povo surdo, divergem na conceitualização dessa cultura. Em um desses espaços, há a participação de um ouvinte, que representa a associação em diversas instâncias políticas, negociando os significados ali consumidos. No discurso da outra associação, esse não seria um meio de preservação cultural surda, alegando que, embora tal ouvinte faça parte do chamado “mundo surdo”, não vive a experiência política e linguística que marca a existência dessa cultura.

Essas representações e movimentações culturais podem ser um reflexo da constituição histórica educacional desses sujeitos surdos. Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação do município de Santarém-Pará/Brasil (2013), não há interprete em escolas inclusivas, colocando sob suspeita o modelo bilíngue firmado politicamente na educação de surdos no Brasil (DECRETO nº 5.626/2005). Os sujeitos dessa pesquisa mencionam a falta de instrutor surdo nas escolas e, principalmente, de professores fluentes em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Esse caráter antagônico do sistema inclusivo, no que se refere à educação de surdos, reforça o olhar ouvintista nas representações educacionais e sociais sobre esses sujeitos, produzindo-os na incapacidade e na dependência aos ouvintes.

Por outro lado, é possível perceber nas conversas relativas a esse estudo, que há manifestações artísticas culturais que reforçam o significado de cultura surda como estratégia de resistência política. Outros dois surdos participantes dessa pesquisa, identificados como surdos C e D, demonstram, em situações semelhantes, discursos politizados que marca a diferença cultural desse povo.

O Surdo C, ao contar uma piada em um evento sobre acessibilidade promovido pela UFOPA, coloca em circulação significados importantes sobre a inclusão. Em sua apresentação, ele descreve uma situação de ensino-aprendizagem em que o aluno surdo copia tudo o que o professor escreve no quadro e, posteriormente, imitando o professor ao apagar o quadro, faz o mesmo com os registros feitos no caderno. O humor irônico dessa piada surda

denuncia um sério problema na inclusão de surdos da região, inferindo que tais alunos são meros instrumentos de cópia e imitação.

Larrosa (2000) infere que a ironia, como marca da pós-modernidade, provoca o riso e estabelece situações de autocrítica dos significados produzidos, representando determinadas realidades sob outro lócus interpretativo. No entanto, buscar o riso como efeito do humor irônico certamente irá depender da relação que o espectador estabelecerá na decodificação desse significado. Isso dependerá da representação consumida e as formas de subjetivação do sujeito, definindo “[...] a sua posição em relação ao preceito que ele acata.” (FOUCAULT, 1983, p. 213-214).

De modo mais direto e ainda necessário dentro da comunidade surda santarena, é possível relatar um momento discursivo do sujeito surdo D, professora da rede municipal de ensino de Santarém-Pará/Brasil. As narrativas dessa professora surda problematizavam representações ouvintistas sobre a surdez, reafirmando o posicionamento político, cultural e linguístico desse povo. Tal narrativa traz para o currículo uma outra representação das discussões sobre a surdez, a qual busca legitimar a existência cultural desses sujeitos e reforçar a militância surda na cidade de Santarém- Pará/Brasil.

Embora esse movimento ainda esteja começando nessa região, tais discursos marcam uma identidade produzida na militância cultural, sob os pressupostos políticos, culturais e linguísticos desse povo. São os efeitos desses discursos que interessam ser pensados nesta pesquisa, bem como os modelos de sujeitos surdos que tais narrativas vêm produzindo.

CONCLUSÃO

Concluir um trabalho não é colocar um ponto final, mas abrir margem para pensar novas escolhas e lançar novas verdades a serem legitimadas. Dessa forma, não pretendo, neste momento, concluir, nem impor respostas sobre o trabalho realizado. Proponho apenas um outro olhar, um novo jeito de produzir representações sobre os surdos. Busco pensar as representações que vêm sendo produzidas por alguns surdos do município de Santarém-PA acerca da constituição cultural da comunidade surda regional.

A constituição dos sujeitos surdos foi marcada pelas representações ouvintistas acerca dos surdos e da surdez. Essas representações influenciaram, e continuam influenciando, a produção desses sujeitos no registro da anormalidade, causando consequências, inclusive nas práticas pedagógicas da educação de surdos. Além de ter

focalizado por muito tempo a aquisição da oralidade como seu maior objetivo, a história da educação de surdos também compartilhou da mesma concepção de língua/linguagem como instrumento de comunicação entre surdos e ouvintes, em que a oralização resultava de longos treinamentos para a aquisição da língua oral.

Penso a cultura como recursividade, como meio de investimento dos surdos para manterem-se na diferença. Do mesmo modo, o uso dessa cultura pode ser articulado com a conveniência das formas de ser surdo, pois “a conveniência da cultura sustenta a performatividade como lógica fundamental da vida social hoje” (YÚDICE, 2004, p.50). Dessa forma, a cultura surda assume performances conforme a conveniência lhe permite. No contexto o qual se realiza essa pesquisa, é possível perceber esses diferentes espaços de circulação e consumo de significados sobre a cultura surda, que são manifestados nos artefatos culturais produzidos por esse povo.

Para entender os processos de produção, circulação e consumo da cultura surda nesses espaços, é importante atentar que não é um conjunto de coisas que constitui a cultura, mas um conjunto de práticas que, conseqüentemente, produz um discurso sobre ela.

Precisamos legitimar discursos pautados na produção de sujeitos com diferenças culturais, linguísticas e políticas, para que eles tenham acesso a sua língua materna como melhor caminho para seu desenvolvimento linguístico.

São esses diferentes discursos e, portanto, diferentes representações sobre os surdos que vão constituir outros significados sobre esses sujeitos. Busca-se aqui legitimar verdades, através das relações de poder/saber, sobre a cultura, a identidade e todos os artefatos culturais que devem fazer parte do processo de constituição cultural e educacional desses sujeitos.

Recebido em: Março de 2015

Aceito em: Junho de 2015

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Comunidade** – a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2003.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em:

19 set. 2013.

FOUCAULT, M. **O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si.** In op cit. vol.V. 1983.

HALL, S. A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.

Educação & Realidade, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul/dez,1997.

KANOOP, L. B.; LUNARDI-LAZARRIN, M. L; KLEN, M. **Produção circulação e consumo da cultura surda brasileira.** Edital nº 07 CAPES/MINC. 2009.

LAROSSA, J. **Pedagogia profana** - danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPES, M. C. **Surdez e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PERLIN, G. T.T. **A Cultura Surda e os Intérpretes de Língua de Sinais.** Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.135-146, jun. 2006.

SILVA, T. T. da. A produção da identidade e da diferença. In: silva T, T. Da (org.) **identidade e diferença.** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SKLIAR, C. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. **Revista Educação e Realidade**, v. 24, n. 2, jul/dez, p. 15-32, 1999.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura:** usos da cultura na era global. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.